

## CARTOGRAFIA DA COMUNICAÇÃO ESCRITA DE AUTORAS LÉSBICAS PUBLICADAS NOS PERIÓDICOS ELETRÔNICOS *PERIODICUS* E CADERNOS DE GÊNERO E DIVERSIDADE, PERÍODO DE 2014 A 2018

Cartography of the written communication of lesbian authors published in the electronic periodic *Periodicus* and Gender and Diversity Notebooks, 2014-2018

**Zuleide Paiva da Silva** Professora no Mestrado Profissional em Educação e Diversidade da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Doutora em Difusão do Conhecimento pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). [eidepaivasilva@gmail.com](mailto:eidepaivasilva@gmail.com)

**Jaqueline Souza Santos** Graduanda em História pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). [beulisjack@gmail.com](mailto:beulisjack@gmail.com)

**Eduarda Araújo Santos Silva** Graduanda em História pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). [eduarda.ass20@gmail.com](mailto:eduarda.ass20@gmail.com)

**Ana Paula Rosário Moreira** Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). [anapaularosarios52@gmail.com](mailto:anapaularosarios52@gmail.com)

**Lucília Maria Lima Vieira** Bibliotecária da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Mestranda em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). [luciliav@gmail.com](mailto:luciliav@gmail.com)

### RESUMO

Percebido como política de visibilidade lésbica, este estudo é localizado nas encruzilhadas da Educação, Ciência da Informação e Lesbiandade. Com abordagem quanti-qualitativa, apreende como objeto a comunicação científica de autoras lésbicas publicadas nas revistas eletrônicas *Periodicus*, produzida pelo grupo de pesquisa CUS-Cultura e Sexualidade (UFBA) e *Caderno de Gênero e Diversidade*, produzida pelo GIRA-Núcleo de Estudos Feministas em Política e Educação (UFBA). O objetivo do trabalho é produzir e analisar indicadores que caracterizam a produção escrita de autoras lésbicas. Para tanto, assume a cartografia como método, a pesquisa bibliográfica e a bibliometria como procedimentos metodológicos. Sem pretensão de verdade, o estudo traz considerações sobre autoria, perfil acadêmico, raça, sexualidade, citação, dentre outros indicadores, e reconhece a produção analisada como ferramenta de enfrentamento à lesbofobia e ao androcentrismo da ciência.

**Palavras-Chave:** Lésbica. Produção escrita-Lésbica. Cartografia-Análise bibliométrica.

### ABSTRACT

Perceived as a lesbian visibility policy, this study is located at the crossroads of Education, Information Science and Lesbiandade. With a quantitative and qualitative approach, its object is the scientific communication of lesbian authors published in the periodicus electronic magazines, produced by the research group CUS-Culture and Sexuality (UFBA) and Gender and Diversity

Notebook, produced by the GIRA-Center for Feminist Studies in Politics and Education (UFBA). The aim of this paper is to produce and analyze indicators that characterize the written production of lesbian authors. Therefore, it takes cartography as a method, bibliographic research and bibliometrics as methodological procedures. Without pretense of truth, the study brings considerations about authorship, academic profile, race, sexuality, citation, among other indicators, and recognizes the analyzed production as a tool for coping with lesbophobia and androcentrism of science.

**Keywords:** Lesbian. Lesbian writing production. Cartography-Bibliometric Analysis.

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho reflete o projeto *Cartografia da produção de comunicações escritas de autoras lésbicas publicadas nos periódicos eletrônicos Pediodicus e Caderno de Gênero e Diversidade no período de 2014 a 2018* desenvolvido no Centro de Estudos de Gênero, Raça, Etnia, Sexualidade (DIADORIM) - Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em Salvador, Grupo de pesquisa Formação, Experiência e Linguagens (FEL/CNPq) e Grupo de Leitura e Estudos Interdisciplinares de Gênero e Sexualidade (GLEIGS) lotados no Departamento de Educação, Campus XIV, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em Conceição do Coité. Submetido ao Edital 038/2018, contemplado com três bolsas de Iniciação Científica, o referido projeto é um exercício de pesquisa feminista localizada nas encruzilhadas dos campos da Educação, Ciência da Informação e da Lesbianidade, por onde as autoras transitam posicionadas como professoras, estudantes, bibliotecárias, lésbicas, bissexual, negras e brancas antirracistas em movimento por políticas de visibilidade lésbica na universidade e fora dela.

Assim localizado, o estudo assume compromisso com a produção e difusão de epistemologias contra hegemônicas, construídas por pesquisadoras e ativistas lésbicas em diferentes contextos para visibilizar, explicar a existência e a agência lésbica como ferramentas que rasgam a cortina do patriarcado, do racismo, da lesbofobia, e de outras expressões da violência que invisibiliza, nega a existência, apaga o conhecimento e mata pessoas que se reconhecem ou são reconhecidas pela sigla LGBT<sup>1</sup> - Lésbica, Gay, Bissexual, Travestis, Transexual.

Desde os campos da Educação antirracista, a encruzilhada onde se encontra o trabalho pode ser apreendida pelas lentes de Manoel Rufino como lugar de múltiplos caminhos.

O projeto de modernidade ocidental construiu a dimensão do entendimento de forma polarizada. Existe o certo e o errado, o bem e o mal, deus e o diabo, o civilizado e o não civilizado, o eu e o outro, o familiar e o exótico. A encruzilhada desmantela isso tudo, rompe com os binarismos e aponta uma

---

<sup>1</sup> Reconhecendo definir as identidades de gênero, as sexualidades e os sexos através de letras que formam uma sigla é bastante complicado, ao longo desse texto usamos a sigla LGBT para nos referir a uma parcela da população não heterossexual. Essa escolha se justifica por ser essa a sigla mais utilizada pelos movimentos sociais do Brasil e por entidades governamentais, como conselhos e secretarias, nos três âmbitos da federação.

perspectiva de responsabilidade para as nossas escolhas (RUFINO, 2018, *Online*).

Nessa perspectiva, a encruzilhada é lugar de possibilidades, de (re)invenção, produção e difusão de conhecimento localizado (Donna HARAWAY, 1995), de negação de toda e qualquer pretensão de neutralidade do conhecimento.

Desde a encruzilhada, este trabalho busca visibilidade lésbica percebida como política de informação. Como afirma Gonzáles de Gómez (1999), uma política de informação é um conjunto de ações e decisões que são tomadas buscando preservar ou até mesmo alterar um regime de informação, que podem ser políticas micro ou macro, realizadas de forma explícita ou não. As políticas de informação, ressalta a autora, servem para configurar instrumentos decisoriais e normativos por meio dos quais se expressa o que é desejável e prioritário para o grupo. Assim as políticas de informação têm como meta a construção coletiva da inteligência comunicacional, sendo que as redes de informação se movimentam no sentido de que o conhecimento e suas condições de produção estariam no mundo natural e social; além disso, haveria um monitoramento informacional, por meio de avaliação, reflexão crítica e idealização dos grupos (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1999).

Como política de informação a política de visibilidade lésbica tem o propósito de informar a sociedade que existem outras formas possíveis de organizar a vida, outros sentimentos, outros mundos fora da heterossexualidade obrigatória. Reconhecendo que o que não é conhecido não é falado, que “o que a História não diz não existiu”, como afirma Navarro-Swain (2001), essa política torna visível a existência lésbica em diferentes contextos no confronto com a política do silêncio, da invisibilidade, “que é a melhor aliada da política do esquecimento” (NAVARRO-SWAIN, 2001, p.30). Com essa mirada, a política da visibilidade lésbica representa uma contradição à ordem naturalizada da heterossexualidade dominada pelo masculino.

Desde a lesbianidade, pensada como um campo da ciência feminista, a visibilidade é compreendida como estratégia que outorga aos sujeitos a propriedade ativa enquanto sujeitos políticos, fatores e geradores de direitos. Ao contrário do ser visível, o ser invisível não é apto a reivindicar uma vez que não é visto por seus pares, conseqüentemente, sua qualidade de cidadão é perdida. Como afirma Maurício Pereira (2014, p. 202),

Entre o ver e o ser visto, a construção da invisibilidade do outro não significa sua atribuição a um vazio de sentido ou à impossibilidade de se chegar aquele que, porventura, se encontraria idealmente no exterior das imagens passíveis de lhe serem atribuídas no conjunto das relações sociais.

O invisível, portanto, não pressupõe o vazio do lugar social considerado de forma absoluto, desprovido de imagens, significados, valores, e/ou posições de poder que lhe são atribuídos, como forma de lhe reservar uma posição subalterna. “A construção social da alteridade obedece ao conjunto de imagens produzidas socialmente e necessárias à sua qualificação como mostro, anormal, doente, ladrão, criminoso, etc...” (PEREIRA, 2014, p.202). Assim o ser invisível é estigmatizado pelo ser visível, que é socialmente considerado “normal”.

Em nossa cultura, como mostra Lorenzo (2004, citada por SILVA 2016; 2018), o “lésbico” se constrói como um estigma a partir da consideração da sexualidade lésbica como transgressora das normas da sexualidade dominante (heterossexualidade e maternidade obrigatória) que constroem a condição de gênero feminino. Nessa perspectiva, o reconhecimento da existência lésbica implica no reconhecimento de que outras formas de sexualidade são possíveis, implica, sobretudo o reconhecimento de que existem outras formas de organizar a vida, outros sentimentos para além do amor heterossexual. Se aos invisíveis cabe o concedido, nada mais transgressor, nada mais transformador, do que conquistar a visibilidade. Assim a visibilidade lésbica é a conquista do espaço público – lugar por excelência das disputas políticas desde a Grécia Clássica. Assim a visibilidade plena deve ser uma conquista, e seu reconhecimento uma obrigação. Não estamos nos referindo apenas a visibilidade física, mas a visibilidade subjetiva, onde o indivíduo visto e reconhecido é também ouvido, sua presença necessariamente causa impacto, sua presença física e subjetiva o identifica como um ser.

Como política de visibilidade lésbica, o desafio político epistêmico do estudo é o enfrentamento ao androcentrismo da ciência, pensado pelas lentes da historiadora Amparo Moreno Sarda (1987) como uma forma específica de sexismo, um enfoque unilateral de pesquisa que privilegia a perspectiva masculina e a utilização de seus resultados válidos para generalizar homens e mulheres. Nessa perspectiva, o entendimento do conceito de “androcentrismo” permite esclarecer muitos aspectos do conhecimento científico, dentre eles, o sujeito do conhecimento e as relações de poder no processo de construção do conhecimento. Com este desafio, este estudo, cuja abordagem é quanti-qualitativa, apreende como objeto a comunicação científica de autoras lésbicas publicadas em duas nas revistas eletrônicas. A *Periodicus*, produzida pelo grupo de pesquisa CUS-Cultura e Sexualidade (UFBA), desde 2014, e *Caderno de Gênero e Diversidade*, produzida pelo GIRA-Núcleo de Estudos Feministas em Política e Educação (UFBA), desde 2015, ambas com periodicidade semestral. Conforme foco e escopo das revistas, ambas estão interessadas em reunir textos que problematizem normatizações, normatizações e naturalizações sobre gênero e sexualidade, relações étnico-raciais, e outros campos interdisciplinares envolvidos com questões de diversidade.

Partindo do reconhecendo das referidas revistas como canais de difusão do pensamento lésbico, apreendido como um conjunto de teorias e movimentos políticos e culturais que emergem a partir dos anos 70 (SILVA, 2016), o objetivo do trabalho é produzir e analisar indicadores que caracterizam a produção escrita de autoras lésbicas. Esse propósito se desdobra em: a) identificar elementos históricos, culturais e políticos que atravessam a comunicação escrita de autoras lésbicas; b) identificar elementos que apontam a influência de autoras/es e instituições na produção escrita de autoras lésbicas; c) mapear comportamento de citação na comunicação escrita de autoras lésbicas

A carência de estudos sobre a produção intelectual das lésbicas, aqui entendida como efeito da política do esquecimento produzida pelo androcentrismo da ciência, por si, justifica este estudo, que se alinha a um projeto feminista de construção e difusão de conhecimentos relevante para as lésbicas e suas/nossas lutas, fato, que exige uma percepção contemporânea dos sentidos atribuídos ao ser identificado como lésbica ao longo da história. Nessa perspectiva, o reconhecimento da identidade da autora lésbica, não como uma essência, mas ato político de resistência, é fundamental no processo de desconstrução dos estigmas que sustentam os mitos, apagamento e desigualdades

impostas às mulheres não heterossexuais, fato que também justifica este estudo uma vez que reconhecer-se enquanto lésbica, lesbiana, sapatão, fancha, paraíba e/ou outras denominações utilizadas para identificar as práticas afetivas e sexuais entre mulheres, é ponto de partida quando se pensa em gênero e sexualidade como dimensões ontológicas do ser social.

Assim, assumindo localidades fora da heterossexualidade obrigatória, apresentamos a seguir enlaces teóricos metodológicos que dão sentido a este estudo, assim como os dados e a leitura dos dados, sem pretensão de esgotar as possibilidades de leitura dos mesmos, ou de produção de verdades.

## 2 ENLACES TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

O que é lésbica? O que enquadra alguém nessa condição? O sexo entre mulheres é imprescindível para configurar uma lésbica? Ou basta o desejo? Apenas a companhia constante de outra mulher é suficiente para colocar em alguém esse rótulo? O que leva alguém a assumir uma identidade marginalizada e ingressar em uma minoria perante sociedade? Quais são as vantagens sociais de adotar uma identidade lésbica? E as desvantagens, quais são? É politicamente importante assumir uma identidade lésbica? Como bem afirma Silvia Gomide (2007), não há resposta única para essas questões.

O que é uma lésbica? Uma lésbica é a revolta de todas as mulheres, condensada no ponto de explodir. É a mulher que começa muitas vezes em tenra idade a agir de acordo com sua compulsão interior, tornando-se um ser humano mais completo e livre do que sua sociedade quer permiti-lo. As lésbicas, portanto, não estão dispostas a aceitar as limitações e opressões que lhes são impostas pelo mais básico papel social: o papel de fêmea (GRUPO Radical Lesbian, 1970, citado por MOTT<sup>2</sup>, 1987, p. 12)

Que é uma lésbica? A lésbica é a mulher que se identifica como mulher, que se erige como sujeito e objeto de sua própria sexualidade, que se reivindica mulher em função de si mesma, que subverte todos os esquemas e papéis que deram lugar a normas sexuais estabelecidas. Em definitivo, a lésbica é a mulher que de qualquer forma e sob qualquer circunstância se rebela contra as limitações e opressões impostas pelo papel considerado o mais inferior da sociedade: o papel feminino (COLETIVO de Lesbianas de Barcelona, 1977, citado por MOTT<sup>3</sup>, 1987, p.13)

Partindo das noções acima apresentadas, apreendemos a noção de lésbica como um ser político. Para tanto, tomamos de empréstimo a noção de “lésbica política” produzida por Sheila Jeffreys (1996), que usa o termo para valorização e politização do feminismo lesbiano. Para essa autora, lésbica política é lésbica feminista. Mas, ressalta Jeffreys, faz-se necessário uma distinção entre feministas lésbicas e lésbicas que também são feministas. A autora argumenta que na filosofia lésbica as palavras “lésbicas” e

---

<sup>2</sup> Citação do livro: (WOLF, 1979, p, 63).

<sup>3</sup> Citação do livro: (ENRIQUEZ, 1978, p. 177)



“feministas” são interligadas, mas existem lésbicas que são ativas em uma política de direitos iguais que não são especificamente feministas. Estas, conforme Jefreys, são indistinguíveis dos homens gays. Na filosofia lésbica feminista disseminada por Jefreys a teoria e a prática da lesbianidade é construída através do feminismo. Como mostra Mariah Pessah (2011), Jefreys ao marcar a diferença entre feministas lésbicas e as lésbicas feministas, o faz com o propósito de enfatizar sua posição política.

Sheila refere-se às lésbicas que só têm sexo entre mulheres. Arriscaria uma possível heresia, quando ela diz ‘as lésbicas devem repensar a conexão entre o sexo e a revolução’ (Jeffreys, 1996, p. 94), penso que esta ideia se complementa muito bem com a utilização que eu faço da lésbica política. Nossa luta vai muito além da ‘sexualidade praticante’” (PESSAH, 2011, p.5)

A compreensão da lesbianidade para além da sexualidade praticante sugerida por Pessah está implícita na noção de *contínuum lésbico* apresentada pela lésbica feminista Adrienne Rich (2010), que o concebe como categoria que trata do resgate, ao longo de toda a história, de experiências entre mulheres, das solidariedades, cumplicidades, cooperação entre mulheres, independente de relações sexuais entre as mesmas. Rich amplia o conceito para “abarcando mais formas de intensidade primária entre mulheres, inclusive o compartilhamento de uma vida interior mais rica, um vínculo contra a tirania masculina, o dar e receber de apoio prático e político” (RICH, 2010, p.36). Ao ampliar o conceito, a autora significa a “existência lésbica” como um ato de resistência que envolve todas as mulheres. Para Pessah, embora Adrienne Rich não use o termo “lésbica política”, sua noção de “contínuum lésbico” é muito parecida com a noção de “lésbica política” como um ser que transcende o binarismo do pensamento, “e luta contra o sistema patriarcal capitalista, por que são esses espaços que oprimem, que instalam dia a dia a norma/lidade a seguir” (PESSAH, 2011, p.8).

Corroborando com a noção de lesbianidade como ato político de resistência à heterossexualidade obrigatória para além da sexualidade praticante, reconhecemos que “lésbica política” é um ser em constante construção de si. Este processo, como afirma a lésbica política Roselaine Silva, “[...] não é apenas individual, se dá dentro de um coletivo, na interação com outros que de alguma maneira interferem no modo de percepção de cada um” (SILVA, R., 2013, p.1).

Buscando alinhamento teórico e político com o pensamento de Sheila Jeffreys (1996), Adrienne Rich (2010), Marina Pessah (2011), Roselaine Silva (2011), dentre outras autoras lésbicas, este estudo apreende a autora lésbica como um ser político, que assim se reconhece e torna público esse reconhecimento, contribuindo dessa forma com a noção de lesbianidade como ato político de resistência à heterossexualidade obrigatória para além da sexualidade praticante. Essa perspectiva parte do princípio da visibilidade lésbica como estratégia epistemológica de enfrentamento à lesbofobia, apreendida como uma construção cultural inscrita no campo do estigma (LORENZO (2004).

Conforme Lorenzo, lesbofobia é mecanismo político de opressão, dominação e subordinação das lésbicas. O núcleo desse mecanismo, afirma a autora, é o sexismo, que articula o machismo, a misoginia e a homofobia. Assim a lesbofobia implica uma especificidade concreta, a dupla discriminação, opressão, subordinação sofrida pelas

lésbicas, por serem socialmente reconhecidas como mulheres e por serem socialmente reconhecidas como não heterossexuais. Concordando com Lorenzo, percebemos a lesbofobia como um nó que articula patriarcado, capitalismo, racismo. Nessa perspectiva, a lesbofobia é uma violência estrutural com faces que se alastram afetando a sociedade, ameaçando, agredindo, matando em função do gênero e da sexualidade, fato que caracteriza essa violência não como uma face específica da homofobia, ou da violência contra a mulher, mas como violência inteseccional, nó que articula gênero, sexualidade e raça, fenômeno social, cultural e político que exige soma de esforços da sociedade para a sua erradicação. Assim percebida, como algo que não podemos suportar, a superação da lesbofobia exige afetividade, organização e política de visibilidade lésbica para contestar a heterossexualidade que nega a existência lésbica.

Partindo dessa compreensão, diante do desafio de produzir política de visibilidade lésbica como estratégia de enfrentamento a lesbofobia, velhas questões emergem. Existe um método específico para lesbianizar a ciência? Existe um, vários ou nenhum método feminista? Como as metodologias feministas desafiam, ou contemplam as metodologias tradicionais? Sobre que bases se sustentam os procedimentos da investigação feminista? Para essas questões formuladas por Sandra Harding (1996; 1998), ressaltamos que não há resposta certa, ou errada. Esse é um debate em aberto (HARDING, 1996, 1998; BARTRA, 1998; SILVA et al, 2005), embora a questão seja pouco debatida, “mesmo nas rodas feministas, como em geral, o próprio debate nos vem pronto, traduzido pelas publicações das autoras do Hemisfério norte” (RAGO, 1998, p. 23)

Sandra Harding (1996) afirma que epistemologia, metodologia e método são conceitos não estáticos, que estabelecem entre si fortes ligações. Argumentando contra a ideia de que existe um método distinto de investigação feminista, ressalta que existem três métodos de investigação social: escutar os/as informantes, observar comportamentos e examinar vestígios e registros históricos. “Como se evidencia en muchos de sus estudios, las investigadororas emplean cualquiera o los três métodos”, fazendo profundas modificações nas ferramentas de investigação das ciências sociais (HARDING, 1998, p.10).

No contínuo do pensamento de Harding, Paula Silva et al (2005, 363) reconhecem que embora a investigação feminista seja inscrita numa atividade mais ampla, a ciência, ela apresenta características que a distingue da investigação tradicional. As autoras apontam três características, que em conjunto situam revelam a pesquisa feminista como forma de intervenção no mundo por justiça social, instrumento de educação. A primeira, é a sua dupla dimensão. Por um lado, a pesquisa feminista representa um projeto social e político de transformação das relações sociais e, por outro, um projeto científico de produção do conhecimento. A segunda característica aponta que a investigação feminista implica numa transformação no modo de olhar o mundo, não só por exigir o reconhecimento das mulheres como sujeito histórico e social, mas, sobretudo, o reconhecimento das relações sociais de sexo/gênero como fator de divisão e de hierarquização da vida social. A terceira característica é a sua natureza multidisciplinar e transdisciplinar, “dado que a questão de gênero das relações de gênero atravessa os campos disciplinares tradicionais” (SILVA et al, 2005, p.364).

As características apontadas por Paula Silva et al evidenciam que qualquer tentativa de localizar uma trilha comumente chamada método para as investigações feministas deve partir do reconhecimento de que os feminismos clamam por mudanças de ordem social, econômica, política ou cultural, de modo a diminuir, ou erradicar as discriminações e

violências vivenciadas pelos/as sujeitos/as dos feminismos, sem perder de vista que esse sujeito é plural, social e histórico. Porém, Paula Silva *et al* (2005), Harding (1998), e as demais autoras reunidas por Eli Bartra (1998), em conjunto, evidenciam que o princípio da interdisciplinaridade<sup>4</sup> norteador dos estudos feministas exige que a investigação desenvolva um olhar crítico no interior das disciplinas com as quais dialoga. Da mesma forma, as teorias políticas dos feminismos evidenciam a necessidade da investigação feminista se comprometer com as mudanças sociais, reconhecendo e considerando toda a diversidade que constitui a(o) sujeito(a) do feminismo.

Reconhecendo as características apontadas por Paula Silva *et al*, nos alinhamos ao pensamento das autoras reiterando que não há um método feminista específico, que nós feministas não temos um caminho, temos múltiplos, todos eles construídos com feixes teóricos que emergem dos diferentes paradigmas da ciência que constituem os feminismos que mudam a ciência. Compreendendo que o debate em torno da existência de um método feminista não deve, como bem colocam Paula Silva *et al*, centrar as preocupações de quem pretende desenvolver investigação feminista, pois “Uma preocupação exagerada na determinação de uma metodologia específica desfoca o que é realmente importante e pertinente na investigação feminista” (SILVA *et al*, 2005, p.365), assumimos a cartografia como método, a pesquisa bibliográfica e a bibliometria como procedimentos metodológicos. Essa escolha leva em conta que a produção científica, objeto do estudo, “reflete os produtos da ciência, medidos pela contagem dos trabalhos e pelos tipos de documentos (livros, artigos, publicações científicas, relatórios, etc), conforme afirma Macias-Chapula (1998, p.137).

A Cartografia, faz-se necessário ressaltar, é o método no qual a análise é a um só tempo o exercício de descrever, intervir e criar efeitos-subjetividades. Assim o método cartográfico mantém resistência aos regimes de normalidades e reconhece a necessidade de uma epistemologia do abjeto baseada na interseccionalidade das categorias. Nessa perspectiva a cartografia não é uma competência, mas uma performance desenvolvida como uma política cognitiva do/a cartógrafo/a (PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lílana, 2009), da qual se espera a construção de referências que orientem os movimentos sociais, o poder público e academia quanto ao trato das lesbianidades e suas intersecções no combate ao racismo, ao sexismo e a lesbofobia.

Também faz-se necessário ressaltar que a bibliometria é definida no campo da Ciência da Informação como “[...] análise estatística dos processos de comunicação escrita, tratamento quantitativo (matemático e estatístico) das propriedades e do comportamento da informação registrada” (FIGUEIREDO, 1998, P.79). Essa definição dialoga com Araújo e Alvarenga (2011) que apontam a bibliometria, como área de estudo da Ciência da Informação com papel relevante na análise da produção científica de um país, uma vez que seus indicadores podem retratar o comportamento e desenvolvimento de uma área do conhecimento. Nessa perspectiva, os indicadores bibliométricos constituem-se como ferramentas de avaliação podendo ser categorizados em: Indicadores de qualidade, impacto, associações temáticas e de atividade ou produção científica (LOPES *et al*, 2012). Vale ressaltar que os estudos com abordagem bibliométrica são efetuados em diversas

---

<sup>4</sup> Segundo Paula Silva *et al* (2005), a investigação feminista ocasiona colaborações entre diferentes disciplinas que adotam múltiplas formas e modelos. No entanto, dado os demasiados obstáculos com se depara, a multidisciplinaridade é mais um ideal do que uma realidade.



áreas do conhecimento, porém, observa-se que no campo dos estudos feministas essa abordagem ainda é pouco utilizada.

## 2.1 FONTE DE DADOS

A viabilização da pesquisa se dá pela fonte de dados se onde os dados são retirados por meio de descritores. Neste estudo são duas as fontes de dado, a revista *Periodicus*, no período de 2014 a 2018, e a revista *Cadernos de Gênero e Diversidade*, no período de 2015 a 2018. A revista *Periodicus*, como citado anteriormente, é uma publicação semestral de divulgação científica do Grupo de Pesquisa CUS - Cultura e Sexualidade, criado em 2007, vinculado ao Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, ao Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade e ao Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (CULT), da Universidade Federal da Bahia. Assim como a revista *Periodicus*, a revista *Cadernos de Gênero e Diversidade* também é uma publicação semestral, criada em 2015 pelo GIRA - Núcleo de Estudos Feministas em Política e Educação, da UFBA, vinculado ao curso de Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade, o primeiro curso de graduação na América Latina voltado para o estudo dessas temáticas.

A organização da Revista *Periodicus* abrange “Dossiê temático”, que publica textos inéditos sobre uma mesma temática, que muda a cada edição, e uma “Seção Livre”, que publica textos que estão sob o escopo da revista, mas não se encaixam nos dossiês. Os textos podem ter formato de Artigos, Ensaios, Traduções, Entrevistas e Resenhas, além de textos literários, manifestos e outras formas textuais mais experimentais. Por sua vez, a revista *Cadernos de Gênero e Diversidade* publica textos em formato de artigos, ensaios, diários de campo, entrevistas, resenhas e dossiês temáticos.

## 2.2 PRODUÇÃO E REGISTRO DOS DADOS

A produção de dados foi realizada de setembro de 2018 a fevereiro de 2019. Os dados das revistas foram registrados em planilha digital com auxílio do software Excel, contendo as seguintes categorias: a) Identificação do periódico; b) Ano de publicação; c) Título do artigo; d) Idioma; e) Nome das/os autoras/es; f) Tipo de autoria; g) Total de autoras/es; h) Perfil acadêmico; i), Indicadores bibliométricos (Resumo, Palavra-chave); j) Área do conhecimento; h) Ocorrência dos termos “Lésbica”, “Sapatão”, “Lesbofobia”; i) Literatura citada (nº de referência). Esse procedimento deve-se ao fato dos periódicos analisados não estarem indexadas em bases de dados que apresentem esses indicadores consolidados no processo de busca.

A revista *Periodicus* no período analisado (2014 a 2018) contabiliza 1 volume e 10 fascículos, totalizando 232 publicações e a *Cadernos de Gênero e Diversidade* (2015 a 2018) contabiliza 4 volumes e 11 fascículos, totalizando 140 publicações. Diante da amplitude do corpus da pesquisa, para os propósitos desse estudo, foram selecionados dois dossiês temáticos, um da revista *periodicos*, intitulado “Sapatão é revolução! Existências e resistências das lesbianidades nas encruzilhadas subalternas”, doravante identificado

como *Sapatão é Revolução*, publicado em 2017, com 14 artigos, e um da revista *Cadernos de Gênero e Diversidade* intitulado “Pensamento e resistências lésbicas feministas, dialogando com teorias clássicas, contemporâneas e movimentos lésbicos”, publicado em 2018 com 7 artigos, doravante identificado como dossiê *Marielle Presente!!!*, conforme Quadro 1.

**Quadro 1** – Corpus do Estudo – Artigos - Dossiê *Sapatão é Revolução!!* (2018);  
*Dossiê Marielle Presente !!* (2018)

N	Autoria	Título do artigo	Título do Dossiê
1	Luana Farias Oliveira	Quem tem medo de sapatão? Resistência lésbica à Ditadura Militar (1964-1985)	Sapatão é Revolução!!
2	Zuleide Paiva da Silva	LBL - Liga Brasileira de Lésbicas: organização e luta política	Sapatão é Revolução!!
3	Thaís dos Santos Choucair; Paula Cunha Lopes	Numa luta marginalizada não cabe uma atuação tradicional: a Caminhada das Lésbicas e Bissexuais de Belo Horizonte	Sapatão é Revolução!!
4	Bruna Andrade Irineu	Exercendo a “crítica lesbofálica” às demandas por uma “cidadania LGBT” no contexto brasileiro (2003-2016)	Sapatão é Revolução!!
5	Tanya L. Saunders	Epistemologia negra sapatão como vetor de uma práxis humana libertária	Sapatão é Revolução!!
6	Ariana Mara Silva	Lésbicas negras, identidades interseccionais	Sapatão é Revolução!!
7	Igor Leonardo de Santana Torres; Lilian Alves Moura de Jesus	Uma análise interseccional da morte: Luana Barbosa e a insubordinação às estruturas.	Sapatão é Revolução!!
8	Alexandra Martins Costa	"Mal amadas", "Porcas", "Feminazis", "Sujas", "Xanatanzel", "Nojentas" e "Xotunzeis" - Análise dos discursos de ódio sobre a performance Pelos Pêlos e seus desdobramentos.	Sapatão é Revolução!!
9	Jessica Akemi Kawano Ribeiro	A lesbianidade e a surdez	Sapatão é Revolução!!
10	Danielly Christina Souza Mezzari; Leonardo Lemos de Souza	Do amor entre mulheres: Narrativas de amores e lesbianidades	Sapatão é Revolução!!
11	Daniela Conegatti	O que podem fazer duas vulvas? - Sexo feminino, gênero lésbico	Sapatão é Revolução!!
12	Naiade Seixas Bianchi	Em busca de um cinema lésbico nacional	Sapatão é Revolução!!
13	Naira Évine Pereira Soares	“Para eles eu não existo” - A invisibilidade da negra não heterossexual nas telenovelas brasileiras	Sapatão é Revolução!!

14	Claudiana Gois Santos	Sapatão é revolução: Censura, erotismo e pornografia na obra de Cassandra Rios	Sapatão é Revolução!!
15	Fátima Lima	Raça, Interseccionalidade e Violência: corpos e processos de subjetivação em mulheres negras e lésbicas	Marielle Presente!
16	Mirian Pilar Grossi	O Pensamento de Monique Wittig	Marielle Presente!
17	Zuleide Paiva da Silva	Lesbianidade Política na Bahia: que ginga é essa?	Marielle Presente!
18	Catarina Alessandra Rea	Pensamento Lésbico e Formação da Crítica Queer of Color	Marielle Presente!
19	Simone Brandão Souza	Teorias lésbicas contemporâneas e a arte como ativismo e potência de resistência e visibilidade	Marielle Presente!
20	Jaqueline Gil Brito	Gestão Pública Estadual e suas Nuances Lesbianas no Contexto Amazônico	Marielle Presente!
21	Sebastiana Silva	'Can i be me?' A estrela whintey, uma história de sucesso marcada por opressões	Marielle Presente!

Fonte: Elaboração própria (2019).

O dossiê *Sapatão é Revolução!!* tem a capa é ilustrada com uma aquarela de Annie Gonzale, uma artista visual que se declara “sapatão preta. A aquarela multicolorida revela dois corpos femininos com rostos e corpos colados, e a capa do dossiê “Pensamento e resistências lésbicas feministas, dialogando com teóricas clássicas, contemporâneas e movimentos lésbicos” é ilustrada com uma foto do casal Marielle Franco, lésbica negra, mãe, vereadora defensora dos direitos humanos e dos direitos sociais da comunidade periférica, que foi brutalmente assassinada no Estado do Rio de Janeiro, e sua companheira Mônica Benício, lésbica branca, feminista, ativista e militante de direitos humanos, arquiteta, mestranda em arquitetura urbanismo. Na foto o casal está se beijando, e acima da foto, em destaque, nas cores azul e rosa está escrito “Marielle Presente!!!”, refletindo a dor da perda e da potência lesbo-afro-política que significa a memória de Marielle Franco. Essa homenagem é o que justifica a identificação do dossiê adotada neste estudo.

### 3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Os resultados da pesquisa serão apresentados a seguir em um panorama bibliométrico, com indicadores gerais a respeito do corpus analisado.

### 3.1 Autoria

Autoria é um indicador que aponta a condição de autor(a), que por sua vez é uma entidade responsável pelo conteúdo intelectual da obra, que pode ser de física, jurídica, individual ou coletiva. Como mostra o Quadro 1, 17 artigos foram produzidos por autoria individual, e 04 foram produzidos por autoria coletiva (dupla), dado que aponta prevalência de autoria individual.

Considerando que em um mundo globalmente conectado, como bem afirmam Silva; Lima e Queiroz (2019, on line) , “a escrita tende a assumir uma tendência mais colaborativa, com intercâmbios entre pessoas separadas por longas distâncias se tornando cada vez mais frequentes [...]”, os dados de autoria sugerem que produção analisada não está alinhada a tendência da escrita coletiva observada na sociedade da informação. Considerando que a tendência coletiva pode indicar, sobretudo, maior interação entre grupos de pesquisa, é possível inferir que a prevalência de autoria individual na produção analisada pode ser efeito da invisibilidade lésbica que potencializa o isolamento das autoras lésbicas, uma vez que a invisibilidade pode dificultar a identificação e a articulação política entre elas. Nessa perspectiva de análise, os dados sinalizam a necessidade de tessituras de redes colaborativas de autoras lésbicas, capazes de produzir e disseminar e potencializar o pensamento lésbico de forma colaborativa. Porém, é preciso considerar que a prevalência da autoria individual é característica das ciências sociais e humanas, fato que suscita a reflexão acerca da necessidade de uma escrita mais colaborativa e coletiva, reflexo da sociedade do conhecimento nessas áreas.

### 3.2 AUTORIA FEMININA E MASCULINA

Tendo como referência prenomes femininos e masculinos reconhecidos como tais pela língua portuguesa, embora essa referência seja arbitrária, uma vez que o prenome por si não basta para identificar o sexo e/ou o gênero da pessoa, identificamos dois nomes masculinos no universo da autoria do dossiê *Sapatão é Revolução*, uma vez como autor, outra como coautor, fato que revela autoria mista.

A presença de homens como autor e coautor em um dossiê que objetiva reunir produções de autoras lésbicas sobre o universo lésbico vai de encontro a proposta do referido dossiê *Sapatão é Revolução*, conforme texto de apresentação escrito pelas organizadoras do mesmo, Ana Cristina C. Santos , Simone Brandão Souza e Thaís Faria, que reconhecem a existência de uma lacuna histórica em relação a produção sobre lesbianidade e ressaltam a importância das produções nesse campo serem feitas a partir do e sobre o universo lésbico.

O Dossiê *Sapatão é revolução!* Existências e resistências das lesbianidades nas encruzilhadas subalternas foi idealizado, portanto, a partir dessa lacuna histórica e da necessidade de darmos visibilidade às produções das e sobre as existências lésbicas, pensando suas vivências subalternizadas mas também suas resistências [...] (SANTOS; SOUZA, FARIAS, 2017, p. 1)

Assim consideramos que presença de homens na condição de autor e coautor do dossiê para além de ferir a proposta inicial do mesmo, uma vez quebra a endogenia da produção, legítima o ponto de vista masculino sobre as lésbicas, ferindo assim as expectativas das leitoras que buscam no dossiê o ponto de vista das lésbicas sobre questões relevantes para as lésbicas.

Vale ressaltar que o crescimento das produções no campo da lesbianidade que falam a partir do e sobre o universo lésbico, como é pontuado por Santos; Souza e Farias (2017, p.1), foi influenciado pelo surgimento dos movimentos e das ONG de lésbicas, através do processo afirmativo da identidade lésbica iniciado na década de 1970 e intensificado na década de 1990.

Podemos afirmar, portanto, que historicamente esse incremento nos trabalhos acadêmicos sobre a lesbianidade possui nexos com a autonomização do movimento lésbico em relação ao movimento homossexual ou da identidade lésbica em relação às outras identidades políticas (SANTOS; SOUZA, FARIAS, 2017, p.1).

Acreditamos que o crescimento da produção escrita de lésbicas na contemporaneidade é fruto do ingresso das lésbicas políticas na universidade, sobretudo nos programas de pós-graduação

### **3.3 PERFIL ACADÊMICO (AFILIAÇÃO INSTITUCIONAL, TITULAÇÃO, ÁREA DE PESQUISA)**

O perfil acadêmico é um indicador com foco na autoria, indicando sua filiação institucional, titulação e área de pesquisa a partir de dados obtidos em notas de rodapé.

Afiliação determina qual a conexão que a autoria tem com o departamento e disciplina que está publicando. Esse indicador aponta a relevância do departamento/ grupo de pesquisa da autoria com o assunto publicado. Assim, permite identificar as instituições que priorizam ou tem adesão aos estudos da lesbianidade.

Em conjunto os dados da afiliação apontam vínculos com 17 instituições acadêmicas, desse total, 7 são do Nordeste (UFBA, UNEB, UESB, IFBA, UFPB, UFRB, UNILAB), 4 do Sudeste (UFMG, UFRJ, UNESP, USP), 4 do Sul ( UFRGS, UESC, UFSC, UEM) 1 do Centro Oeste (UFT), e uma da Flórida (Estados Unidos). Também apontam vinculação com movimento social (LBL-Liga Brasileira de Lésbicas) e secretaria de governo (SEJUSC/AM). Os dados de filiação institucional reafirmam a prevalência de estudos sobre lesbianidade nas universidades públicas, com destaque para as regiões Nordeste, Sudeste e Sul. A existência desses estudos em todas as regiões do país sugere potencialidades para construção do pensamento lésbico em rede de pesquisadoras e ativistas lésbicas atuantes nas universidades, movimentos sociais e órgãos do governo. Vale considerar que a prevalência de autoras com afiliação em universidades públicas, corrobora com os dados que apontam serem estas instituições responsáveis por 95% da ciência no Brasil.

Dados da titulação das 16 autoras que publicaram no dossiê *Sapatão é revolução!* apontam que 04 são mestras e 05 são mestrandas, 03 são doutoras, 02 doutorandas, 01



tem pós doutorado, e 01 tem graduação. Dentre as 7 autoras que publicaram no dossiê *Marielle Presente!* 03 são doutoras, 02 tem pós-doutorado, 01 mestrado, 01 graduação.

Tendo como referência a afiliação da autoria em centros, grupos de estudo e de pesquisa indicadas no dossiê *Sapatão é Revolução*, os dados obtidos sugerem que a área de pesquisa da autoria é diversificada. Do universo de 18 autoras/es, 4 pesquisam na área de cinema, música e literatura; 4 na área de educação; 3 na área dos estudos de gênero, sexualidade e diversidade; 2 na área de psicologia, 2 na área de Ciências Sociais; 2 na área de comunicação e 1 não foi identificado. Esses dados não são informados na revista *Cadernos de Gênero e Diversidade*.

Quanto a atuação profissional da autoria, identificamos no dossiê *Sapatão é revolução!* que 4 são docentes. O dossiê *Marielle Presente!!* não apresenta esse indicador. Ampliando a busca na plataforma Lattes, identificamos que 12, do universo de 25 autorias, são docentes.

Em conjunto, o perfil acadêmico das autoras aponta elevado grau de escolaridade, fato que não surpreende, pois as mulheres, como mostram os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017) têm mais anos de estudos que os homens. De acordo com o IBGE, em 2017 as mulheres com 25 anos ou mais estudam em média 9,3 anos, frente aos homens, que estudam, em média, 8,9 anos. Comparado a 2016, quando mulheres estudavam 9,1 anos e homens 9,7, os anos de estudo cresceram em ambos dos gêneros. Os dados do IBGE mostram ainda que 17,5% das mulheres possuem nível superior completo, um aumento de 0,6% comparado a 2016. Já entre os homens o percentual cresceu apenas 0,2%, considerado estagnado pela análise do IBGE.

### 3.4 INDICADORES DE RAÇA E SEXUALIDADE

Esse indicador revela a posição da autoria nas encruzilhadas da raça e da sexualidade. Os dados apontam que apenas 7 das 16 autoras que publicaram no dossiê *Sapatão é Revolução!* se autodeclararam lésbicas, ou sugerem sua lesbianidade. No dossiê *Marielle Presente!*, as 7 autoras se identificam como lésbicas.

Embora em conjunto haja prevalência de auto declaração e outros elementos que indicam a lesbiandade das autoras, os dados sugerem que apesar das referidas revistas acolherem, e de alguma forma incentivarem a auto declaração da lesbianidade, algumas autoras não se sentiram confortáveis, ou julgam desnecessário visibilizar nas linhas ou nas entrelinhas da sua escrita essa informação, fato que contribuiu com a invisibilidade lésbica, e fortalece o androcentrismo da ciência

Quanto a identidade racial das autoras, apenas 09 expressam o lugar de fala em relação a raça, sendo 07 do dossiê *Sapatão é Revolução* e 02 do dossiê *Marielle Presente!* As demais não deixam pistas em relação a seu posicionamento nas encruzilhadas da raça, fato que sugere prevalência branca, considerando, como ressalta Djamila Ribeiro (2019), que a branquitude não marca seu lugar de fala, uma vez que se pensa universal. Para Ribeiro, com quem concordamos, pensar e expressar o lugar de fala é romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, e o apagamento desse indicador contribui para pretensa neutralidade da ciência.

### 3.5 CITAÇÃO

Citação é o ato de mencionar e referenciar um texto anterior. Isso sugere que escrever não é um ato tão solitário. Ao produzir um texto, a autoria pode e deve convidar outras/os autoras/es para participar do ato criativo. Como diz Barthes (1974), todo texto é um intertexto, outros textos estão presentes nele. Na mesma linha de pensamento Koch (2000) afirma que o texto é um objeto heterogêneo que mostra uma relação do seu interior com o exterior; sendo que desse exterior fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o pré-determinam, com os quais dialoga, que retoma, a que alude ou a que se opõe. Isso significa que nenhum autor escreve só. A construção de um texto depende do conhecimento que se tem de outros textos com os quais ele, de alguma forma se relaciona, ou dialoga. Esse diálogo entre autoras/es se dá através da citação, que é definida como alusão de uma informação retirada de outra fonte (NBR 10520, 2002). Assim, o estudo da citação, como ressalta Godoi, permite indicar padrões, frequências e o tipo de citação entre os documentos.

Para os propósitos deste trabalho, identificamos o quantitativo de referências dos artigos e autoras/es mais citados. Nos 14 artigos publicados no dossiê *Sapatão é Revolução!* identificamos 351 referências. Desse total, tendo como referência prenomes femininos e masculinos, foi possível identificar em torno de 189 nomes femininos, 91 masculinos, 32 com autoria institucional e 31 não foi possível identificar a autoria. Embora esses dados não sejam precisos, eles sugerem prevalência de referências com autoria feminina.

Em relação a frequência que cada referência foi citada, identificamos que 193 foram citadas apenas 1 vez, 58 foram citadas duas vezes e 39 foram citadas/os 4 vezes. Como mostra o Quadro 2, a autora mais citada é a filósofa pós-estruturalista estadunidense Judith Butler, com 12 citações, dado que sugere os feminismos americano e francês como matrizes do pensamento lésbico publicado no dossiê *Sapatão é Revolução!*.

**Quadro 2:** Autoras/es e obras mais citadas no dossiê *Sapatão é Revolução!!*

Nome	Nº de citação	Obra mais citada	Nº citação
Judith Butler	12	Problemas de gênero	5
Michel Foucault	6	História da sexualidade. v.1. v.2	2
Monique Wittig	5	O pensamento heterossexual	3
Liga Brasileira de Lésbicas	5	Carta de Princípios	2
Jules Falquet	4	Romper o tabu da heterossexualidade: contribuições da lesbianidade como movimento social e teoria política	2
Beatriz Preciado	4	Multitudes queer: notes for a politics of "abnormality"	2
Gayle Rubin	4	Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality	2

Fonte: Elaboração das autoras (2019).

No dossiê *Marielle Presente!* identificamos 128 referências, sendo 97 de autoria feminina; 19 de autoria masculina e 12 de autoria legislativa, institucional e/ou não identificada. A autoria mais citada, 7 vezes, é de uma das autoras deste estudo, Zuleide Silva. A italiana Paola Baccheta foi citada 6 vezes e norte americana Chery Clarke, citada 4 vezes. Audre Lorde, Adriane Riche, também norte americanas, foram citadas 3 vezes. O africano Achille Mbembe foi citado 3 vezes, seguido da francesa Monique Wittig, da norte americana Glória Anzaldúa, dentre outras foram citadas duas vezes. Vale ressaltar que as citações de Zuleide Silva são identificadas como autocitação, aqui percebida como estratégia de divulgação do pensamento lésbico.

Em conjunto, os indicadores de referência apontam os feminismos anglo saxão, norte americano, francês e latino americano produzidos por pesquisadoras e ativistas lésbicas como matrizes teóricas das produções analisados. Em menor proporção, os dados também apontam a influência dos feminismos do continente Africano.

Vale ressaltar que o pensamento lésbico que atravessa a produção analisada, pensado como um conjunto de teorias e práticas políticas e culturais, conforme apresentado por Silva (2010), emerge nos anos 70 em contexto de revolução do pensamento político em nível internacional e transnacionalização do capitalismo. A autora ressaltar que como construto teórico este pensamento/movimento “[...] surge quando as lésbicas feministas começam a se inscrever nas suas reflexões e discursos, a falarem de si, de nós e das nossas questões em conexão com os movimentos sociais de consciência feminista”. Porém, ressaltar Silva (2016, p. 140)

Isso não significa que o conhecimento produzido pelas lésbicas é limitado à produção de textos escritos, pois a escrita e o saber na cultura ocidental sempre estiveram de mãos dadas com o poder. Mas é no jogo da ciência que as teorias científicas são produzidas. Nessa perspectiva as teorias lésbicas emergem no movimento da segunda onda do feminismo, quando ativistas lésbicas, brancas e negras, oriundas de diferentes espaços de saber, regiões e países, buscaram entender e explicar a opressão feminina desde as experiências lésbicas.

Nessa perspectiva, o pensamento lésbico tem como principal eixo de reflexão tanto a denúncia da obrigatoriedade da heterossexualidade (lesbofobia) e do racismo, como a política de visibilidade da existência lésbica (ferramenta de enfrentamento a lesbofobia). Alinhadas ao pensamento de Silva, consideramos que a comunicação analisada é pensamento lésbico que se constitui no campo da ciência uma ferramenta de enfrentamento ao androcentrismo.

### 3.6 TÍTULO, RESUMO, PALAVRAS-CHAVE

Os títulos, os resumos e as palavras-chave de um artigo são indicadores de associação temática fundamentais para a difusão do conhecimento produzido, como afirmam GARCIA, Débora Cristina Ferreira; GATTAZ, Cristiane Chaves; GATTAZ, Nilce Chaves (2019, *on line*),

No meio acadêmico a disseminação das pesquisas por meio da publicação de artigos impulsiona o progresso da ciência, garantindo o desenvolvimento de novas investigações, tanto pelo subsídio dos conhecimentos previamente construídos, como pelos investimentos financeiros que tornam possível a execução de novos projetos. A elaboração cuidadosa do título e do resumo bem como a seleção ponderada das palavras-chave são fundamentais para que os textos sejam capturados pelos mecanismos de busca e para que finalmente alcancem seus possíveis leitores.

De acordo com o Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia (CUNHA; CAVALCANTI, 2008), o título é uma palavra, frase, caractere ou grupo de caracteres que nomeiam o artigo. O resumo, apresentado logo após o título, é uma exposição abreviada e acurado do conteúdo do artigo, e a parte mais lida do mesmo, conforme Garcia; Gattaz; Gattaz, (2019, *on line*). As palavras-chave, ainda de acordo como Cunha e Cavalcanti (2019) caracterizam o conteúdo temático do artigo.

Conforme Ernesto Spinak (1996) os títulos podem ser analisados pelo seu conteúdo e por sua extensão. Para este autor, a análise do conteúdo está vinculada à natureza das palavras utilizadas; se são significativas para a recuperação em sistemas automatizados, se aparecem ao longo do artigo ou no resumo, ao tempo que a análise da extensão tem a ver com a quantidade de palavras, sílabas, sinais de pontuação e caracteres.

Assim os títulos, resumos e palavras-chave constituem-se em elementos que tem a função comunicar os objetivos dos textos aos leitores. Nesse sentido, devem ser elaborados de forma a promover a melhor comunicação possível entre o documento e o usuário.

Quando observada a incidência dos termos “lésbica”, “lesbiana”, “lesbianidade”, “sapatão” nos títulos dos artigos apresentados no Quadro 1, identificamos que 16 apresentam um desses termos, fato que sugere o engajamento da autoria com a política de visibilidade lésbica pensada como política de informação.

Quando observadas as palavras relevantes nos títulos identificamos diferentes termos que em conjunto sugerem elementos históricos, culturais e políticos que atravessam a identidade lésbica e as formas de resistência das lésbicas políticas, dentre eles apontamos: “lesbianidade”, “lesbianidades”, “sexo feminino”, “gênero lésbico”, “lésbicas negras”, “interseccionalidade”, “identidades interseccionais”, “raça”, “surdez”, “visibilidade lésbica”, “visibilidade”, “violência”, “discurso de ódio”, “ativismo”, “resistência”; “organização política”, “luta marginalizada”, “insubordinação”, “crítica lesbofálica”, “crítica queer of color”, “teorias lésbicas”, “epistemologia negra sapatão”, “gestão pública”, dentre outros). Esses termos, ou similares, são usados na construção dos objetivos apresentados nos 21 resumos analisados, sugerindo a potência do pensamento lésbico como política de informação. A mesma ocorrência é encontrada nas palavras-chave, que em conjunto, como sugere a Imagem 1, apontam a pluralidade temáticas dos artigos, apontando centralidade nas temáticas referentes à lesbianidade e à lesbofobia.

**Imagem 1:** Nuvem de palavras-chave



Fonte: Elaboração própria (2019).

Em relação aos 21 resumos analisados, vale ressaltar que 14 indicam os estudos feministas como base teórica dos artigos, fato que potencializa a noção de lesbianidade como campo dos estudos feministas. Os demais resumos não apresentam essa informação. Dentre os estudos localizados no campo feminista, 3 indicam abordagem interseccional, sendo que dois destes destacam abordagem decolonial. Pistas do método e/ou indicação das fontes são apresentadas em 10 resumos; e 8 resumos apresentam pistas dos resultados obtidos. Em conjunto, os dados sugerem fragilidade na produção dos resumos, considerando que mesmo deve indicar, de maneira clara e rápida, o objetivo, a base teórica, o método, os principais resultados e conclusões, podendo dispensar a leitura do texto completo, como sugere a NBR 6029 (2013).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Entendendo que gênero e sexualidade, assim como classe, raça, geração, dentre outros, são marcadores que organizam a vida social, determinando os lugares e não lugares que as pessoas vão ocupar na sociedade, este estudo produzido por 3 autoras lésbicas e uma mulher bissexual, constitui-se num exercício de pesquisa que potencializa a produção e a difusão do pensamento lésbico. Rasurando a ausência de análises bibliométricas na produção de comunicações escritas de autoras lésbicas, o estudo oferece elementos de uma produção científica elaborada por autoras estigmatizadas por pertencerem a um segmento da sociedade invisibilizado pela lesbofobia e pelo androcentrismo da ciência, ao tempo que potencializa o reconhecimento das revistas eletrônicas analisadas como importantes canais de difusão do pensamento lésbico.

Ressalta-se aqui a importância do processo de elaboração dos indicadores bibliométricos, pois as publicações analisadas estão indexadas em bases de dados que não fornecem previamente esses indicadores que agilizam o processo de análise dos dados. As técnicas bibliométricas se apresentam como importantes ferramentas que possibilitam estudos e análises de temas, através de indicadores diversos. No entanto, a análise dos



indicadores deve levar em conta o contexto, a intencionalidade da pesquisa além da subjetividade de quem analisa os dados.

Assim, consideramos que este exercício de produção de indicadores do pensamento lésbico constituiu um esforço que resulta em política de visibilidade lésbica, uma vez que rompe a política de invisibilidade da produção de lésbicas no espectro dos estudos bibliométricos.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Ronaldo Ferreira; ALVARENGA, Lídia. A bibliometria na pesquisa científica da pós-graduação brasileira de 1987 a 2007. **Enc. Bibli. R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, v. 16, n. 31, p.51-70, 2011.
- BARTRA, Eli (Org.). **Debates en torno a una metodología feminista**. México, D.F.: UNAM, 1998.
- CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2008. 451 p
- ENRIQUEZ, Jose Ramon. **El hossexual ante la sociedad enferma**. Barcelona, Tusquets Editor, 1978.
- FIGUEIREDO, N. M. de. **Desenvolvimento e avaliação de coleções**. 2. ed. rev. e atual. Brasília: Thesaurus, 1998.
- GARCIA, Débora Cristina Ferreira; GATTAZ, Cristiane Chaves; GATTAZ, Nilce Chaves. A Relevância do Título, do Resumo e de Palavras-chave para a Escrita de Artigos Científicos. **Rev. adm. contemp.**, Curitiba , v. 23, n. 3, p. 1-9.
- GODOI, Fábio dos Santos. **Indicadores de gênero no periódico Scientometrics (1981-2017)**. Dissertação (Mestrado em Ciência, Tecnologia e Sociedade) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.
- GOMIDE, Silvia. Formação da identidade lésbica: do silêncio ao queer. In: GROSSI, Mirian; UZIEL, Anna Paula; MELLO, Luiz (Org). **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gaus e travestis**. Rio de Janeiro:Garamond, 2007, p.405-423.
- GONZÁLES de GÓMEZ. Política e gestão da informação: novos rumos. *Ciência da Informação*. Brasília, v. 28, n. 2, p. 109-110, 1999 (a).
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados. **Cadernos Pagu**, v. 5, p. 7-41, 1995.
- HARDING, Sandra. **Ciencia y feminismo**. 5. ed. Madrid: Morata, 1996.
- HARDING, Sandra. Existe un método feminista? In: BARTRA, Eli (Org.). **Debates en torno a una metodología feminista**. México, D.F.: UNAM, 1998.
- IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira : 2017 / IBGE**.
- JEFFREYS, Sheila. La herejía lesbiana. **Feminismos**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1993.

LIMA, Regina Célia Montenegro de. Bibliometria: análise quantitativa da literatura como instrumento de administração em sistemas de informação. **Ciência da Informação**. Brasília, v.15, n.2, p.127-33, jul./dez. 1986.

LOPES ,Sílvia; COSTA, Maria Teresa; FERNÁNDEZ-LLIMÓS, Fernando; AMANTE, Maria João; LOPES ,Pedro Faria. A Bibliometria e a Avaliação da Produção Científica: indicadores e ferramentas. **Actas do Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas**. n. 11, 2012.

LORENZO, Ángela Alfarache. La Construcción cultural de la lesbofobia: una aproximación desde la antropología, In: RUBIO, Julio Munhoz (Coord.). **Laberinto de la ignorancia**. Mexico: UNAM, 2012.

MACHADO, Raymundo das Neves. **Estrutura intelectual da literatura científica do Brasil e outros países dos BRICS**: uma análise de cocitação de periódicos na área de célula-tronco . 2015. 354f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015.

MACIAS-CHAPULA, Cesar A. O papel da informetria e da cienciometria e sua perspectiva nacional e internacional. **Ci. Inf.**, Brasília , v. 27, n. 2, p. nd, 1998.

MOTT, Luiz. **O Lesbianismo no Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

NAVARRO-SWAIN, Tania. **O que é lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PEREIRA, Maurício Matos dos. Os labirintos da invisibilidade. In: OLIVEIRA, Marinyze Prates; PEREIRA, Maurício Matos dos Santos; CARRASCOSA, Denise. **Cartografias da subalternidade**: diálogos no Eixo Sul-Sul. Salvador: EdUFBA, 2014, p. 201-216.

PESSAH, Marian. Ser lésbica ou lésbika politika. In: Seminário Enlaçando Sexualidades, 2, 2011, Salvador, **Anais eletrônicos**. Salvador: Uneb, 2011.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017. 112 p.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e a existência lésbica. **Revista Bagoas**, n.5, 2010.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia da Encruzilhada**: uma perspectiva afro-brasileira para a educação. Entrevista concedida a Cecília Garcia. 04/12/2018.

SANTOS, Ana Cristina; SOUZA, Simone Brandão; FARIA, Thaís. Sapatão é revolução! Existências e resistências das lesbianidades nas encruzilhadas subalternidades. **Revista Periódicus**, v.1, n.7, 2017, p.1-5.

SARDA, Amparo Moreno. “En torno al androcentrismo en la historia”. In: \_\_\_\_\_. El arquetipo viril protagonista de la historia. Ejercicios de lecturas no andocentricas. **Cuadernos inacabados**. Barcelona: La Sal. 1987. p.17-52.

SILVA, Erasmo Moises dos Santos; LIMA, Mikeas Silva de; QUEIROZ, Salete Linhares. AUTORIA COLETIVA EM AMBIENTE INFORMATIZADO NO ENSINO SUPERIOR DE QUÍMICA. **Quím. Nova**, São Paulo , v. 42, n. 4, p. 458-467, Apr. 2019.

SILVA, Paula et al. Acerca do debate metodológico na investigação feminista. **Rev. Port. Cien. Desp.**, Set., 2005, vol.5, n.3, p.358-370.

SILVA, Roselaine Dias. A constituição do sujeito político lésbica nas marchas lésbica e na jornada lésbica feminista do Rio Grande do Sul. In: 10. Seminário Internacional Fazendo Gênero: Desafios Atuais dos Feminismos, 10, **Anais Eletrônicos** 2013, Florianópolis: UFSC, 2013.

SILVA, Zuleide Paiva. **Sapatão não é bagunça**: estudo sobre as organizações lésbicas da Bahia. Tese [Doutorado em Difusão do Conhecimento], UFBA, IFBA, UNEB, UEFS, SENAI-CIMATEC, LNCC, Salvador, 2016, 407f.

SPINAK, E. **Diccionario Enciclopédico de Bibliometría, Cienciometría e Informetría**. Unesco, 1996.

WOLF, Debora G. **The lesbian community**. Los Angeles, University of California Press, 1979.